

A RELIGIÃO NA OBRA DE JUNG: CONTRIBUIÇÕES PARA A COMPREENSÃO DO HOMEM MODERNO.

Vinícius Romagnolli Rodrigues Gomes¹; Jhainieiry Cordeiro Famelli
Ferret²

RESUMO: A problemática religiosa ocupa um lugar central na obra do psicólogo C. G. Jung; sendo que quase todos os seus escritos tratam do fenômeno religioso. Jung encara a religião como uma atitude do espírito humano, atitude que poderíamos qualificar a modo de uma *consideração e observação cuidadosas* de certos fatores dinâmicos concebidos como "potências": espíritos, demônios, deuses, leis, idéias, ideais, ou qualquer outra denominação dada pelo homem a tais fatores. O homem moderno sente, cada vez mais, falta de apoio nas confissões religiosas tradicionais; sendo que reina atualmente uma grande incerteza no tocante a assuntos religiosos. Neste projeto objetivamos a partir da revisão e discussão bibliográfica, analisar as contribuições de Jung e sua psicologia analítica no que diz respeito à temática religiosa e suas implicações na vida do homem moderno, bem como no processo de individuação; conceito central da teoria junguiana.

PALAVRAS-CHAVE: Jung, Religião, Individuação.

1 INTRODUÇÃO

As manifestações religiosas e simbólicas sempre despertaram interesse e curiosidade entre os homens, Carl Gustav Jung (1875-1961), filho de um pastor protestante, teve sua a atenção desperta por tais fenômenos e através de uma observação cuidadosa e atenta da análise destas representações na mente humana ele pôde reconhecer como conteúdos arquetípicos da alma as manifestações coletivas que embasam as mais diversas religiões. Jung via a religiosidade como uma função natural e inerente à psique, chegando a considerá-la um instinto, um fenômeno genuíno. A religião era vista mais como uma atitude da mente do que qualquer credo, sendo este uma forma codificada da experiência religiosa original.

"Encaro a religião como uma atitude do espírito humano, atitude que de acordo com o emprego originário do termo: "*religio*", poderíamos qualificar a modo de uma consideração e observação cuidadosas de certos fatores dinâmicos concebidos como "potências": espíritos, demônios, deuses, leis, idéias, ideais, ou qualquer outra denominação dada pelo homem a tais fatores; dentro de seu mundo próprio a experiência ter-lhe-ia mostrado suficientemente poderosos, perigosos ou mesmo úteis, para merecerem respeitosa consideração, ou suficientemente grandes, belos e racionais, para serem piedosamente adorados e amados." (Jung, 1995, p.10)

O próprio Jung menciona a importância da religiosidade para o ser humano, ao afirmar: "Entre todos os meus doentes na segunda metade da vida, isto é, tendo mais de

¹ Acadêmico do Curso de Psicologia – CESUMAR, Maringá – PR. Acadêmico do curso de História – UEM, Maringá – PR.

² Mestre em Psicologia, docente do Centro Universitário de Maringá (CESUMAR), Maringá – PR.

35 anos, não houve um só cujo problema mais profundo não fosse constituído pela questão de sua atitude religiosa. Todos, em última instância, estavam doentes por ter perdido aquilo que uma religião viva sempre deu em todos os tempos a seus adeptos, e nenhum curou-se realmente sem recobrar a atitude religiosa que lhe fosse própria. Isto, é claro, não depende absolutamente de adesão a um credo particular ou de tornar-se membro de uma igreja (p.153-154). Jung considerava todas as religiões válidas, visto que todas recolhem e conservam imagens simbólicas advindas do inconsciente, elaborando-as em seus dogmas e, assim, realizando conexões com as estruturas básicas da vida psíquica. "As organizações ou sistemas são símbolos que capacitam o homem a estabelecer uma posição espiritual que se contrapõe à natureza instintiva original, uma atitude cultural em face da mera instintividade. Esta tem sido a função de todas as religiões." (Jung, 1998, p. 57). Jung entendia o termo como *religio* e *religare*, ou seja, tornar a ligar. E via a religião exatamente com a função de ligar o consciente a fatores inconscientes importantes.

Para Jung, a libido que constrói imagens religiosas, representa o laço que nos liga à nossa origem. Para designar a vivência do contato com tais fatores e a forte emoção descrita pelos que a vivenciam, Jung apropriou-se do termo criado por R. Otto: *numinoso*. Via, então, a religião como uma observação conscienciosa e acurada do "numinoso", ou seja, um efeito dinâmico ou existência que domina o ser humano; é independente de sua vontade. "O termo "religião" nele se subdivide em duas acepções profundamente diferentes, sem por isso ser irreconciliáveis. De um lado, uma confissão que toma sua origem numa profissão de fé determinada e, de outro lado, uma experiência ou uma série de experiências primordiais, nas quais o homem entra em relação com um sagrado que provoca nele o sentimento do numinoso. No primeiro caso a religião se apresenta como um sistema de representações fixas, um conjunto de símbolos nos quais as significações culturais se sobrepõem às correspondências psíquicas naturais e geralmente as oculta. Ela supõe o fenômeno da crença e o prolonga com um corpo de dogmas; sem impedir a possibilidade de uma relação direta entre o crente e seu deus, ela não a encoraja e se apresenta, por meio de seus ritos e suas liturgias, como mediadora necessária graças à qual o homem encontra o divino e o ego estabelece um diálogo com o Self.

Desta forma, Jung acreditava que a grande função da religião era evitar dissociações neuróticas da psique, o que se consegue através do autoconhecimento, do embate entre o Ego e o Self, entre a realidade física e a psíquica. Ele pontuava que a causa de inúmeras neuroses está principalmente no fato de as necessidades religiosas da alma não serem mais levadas a sério, "devido à paixão infantil do entendimento racional. (...) o que importa já não são os dogmas e credos, mas sim toda uma atitude religiosa, que tem uma função psíquica de incalculável alcance." (Jung, 1998, p. 44) Ou seja, é importante para o homem desenvolver uma atitude religiosa, independente do credo ou do dogma.

Deve-se ressaltar que Jung utilizava os termos "Deus" ou "divindades" no contexto simbólico, sendo que ambos se encontram como tais muito além do alcance humano e revelam-se a nós como imagens psíquicas, isto é, como símbolos. Assim sendo, as pessoas realizam os ritos porque "No rito estão próximas de Deus; são até mesmo divinas." (Jung, 1998, p.273). De acordo com Jung, todos os psicólogos que estudem os fenômenos religiosos devem abster-se de considerar como verdadeiro somente o que apresentar-se como um dado físico, visto não ser este seu único critério de veracidade. Há, além, verdades psíquicas que não podem ser recusadas, mesmo sendo de difícil explicação. Todas as religiões vêm do mesmo solo: o inconsciente. Não há "revelação", nem deus, nem transcendente; há somente arquétipos, recém-brotados do "mesmo solo materno em que, outrora, se formaram, sem exceção, todos os sistemas filosófico-religiosos." (Jung, 1998). É o contato com os "mistérios" de cada religião que fala diretamente – simbolicamente – com o nosso inconsciente, satisfazendo nossa

religiosidade. Diante disso e a partir dos pressupostos teóricos da teoria junguiana, em especial os conceitos de religião e individuação, buscaremos abordar a temática religiosa, tal qual concebida na obra de Jung e as implicações dessa teoria na prática, ou seja, na vida do homem moderno, bem como em seu processo de individuação.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Partindo do pressuposto de que a pesquisa teórica consiste em um levantamento da bibliografia fundamental na área escolhida, a partir de um problema identificado e de um questionamento com a finalidade de construir explicações teóricas para o problema colocado; acreditamos que o método descritivo, nos permite analisar nosso objeto de uma forma ampla e adequada. A partir de tal método, podemos realizar uma discussão bibliográfica dos documentos selecionados acerca do tema, bem como fazer uma posterior análise dessas fontes documentais e uma discussão dos conteúdos pesquisados, estabelecendo um diálogo crítico com os autores consultados, a fim de atingir os objetivos propostos neste projeto.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Objetivamos com a realização desta pesquisa, ampliar nosso conhecimento acerca do tema, bem como corroborar a importância do fenômeno religioso e suas implicações para a vida e a individuação do homem moderno.

4 CONCLUSÃO

Tal pesquisa está em fase inicial, logo, não há dados conclusivos, entretanto, objetivamos corroborar a importância do fenômeno religioso e suas implicações para a vida e a individuação do homem moderno.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito com Bill Moyers* ; org. por Betty Sue Flowers ; tradução de Carlos Felipe Moisés. -São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAVALCANTI, Tito R. de A. *Jung (Folha Explica)*. São Paulo: Publifolha, 2007.

DURKHEIM, E. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, M. *História das Crenças e das Idéias Religiosas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*. . São Paulo: Martins Fontes. 1998.

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

JUNG, C.G *A Vida Simbólica*. Petrópolis: Vozes. V.XVIII/1. 1998.

JUNG, C.G *A Vida Simbólica*. Petrópolis: Vozes. V.XVIII/2. 2000

JUNG, C.G *Psicologia e Religião*. Petrópolis: Vozes. 1995.

JUNG, Carl G. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SILVEIRA, Nise da. *Jung Vida e Obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

YOUNG-EISENDRATH, Polly; DAWSON, Terence. *Manual de Cambridge para Estudos Jungianos*. Porto Alegre: Artmed, 2002.